

EDITORIAL

“Todo mundo tem que ser especial
Em oportunidades, em direitos, coisa e tal
Seja branco, preto, verde, azul ou lilás
E daí, que diferença faz?”

Vinicius Castro – Ser diferente é normal

Caro(a) leitor(a),

A publicação do presente dossiê *Educação, cognição e inclusão* vem ao encontro de um debate emergente no cotidiano das escolas e da sociedade em geral, especialmente nesse interregno em que sucede o indelével fenômeno global da pandemia Covid-19. O que mudou na escola? Quais aprendizagens — e quais lacunas — se fizeram presentes na vida dos estudantes? Como acolher tanta diversidade garantindo o direito inalienável à educação? E as crianças e estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades, como inseri-las em um contexto escolar significativo de aprendizagem?

Sem dúvida, as respostas a estas indagações não são simples nem estão prontas *a priori*; por vezes, ocultam-se sob narrativas eivadas de preconceito e de princípios arraigados a paradigmas conservadores da educação, que inibem a presença e o nascimento do novo. Eis aqui a grande contribuição deste dossiê; cada artigo representa uma sugestão, uma provocação à reflexão, um passo em direção às respostas que buscamos. A transformação da escola, em suas múltiplas dimensões, é tarefa urgente e exigirá compromisso, responsabilidade, competência, criatividade e muito diálogo.

Assim, importa asseverar que o gérmen da nova escola traz em seu DNA o princípio da equidade e da inclusão, protegendo e materializando conquistas que o século XX só logrou positivar no diploma legal da nossa Constituição: a educação como direito fundamental de todos e todas.

Repise-se que uma escola para todos — uma escola inclusiva — deverá assegurar oportunidades educacionais adequadas, desafiadoras, adaptadas às necessidades e habilidades de cada criança e estudante, por isso à sua renovação impõe-se uma mudança de horizonte que dará acento à diversidade em detrimento da homogeneidade e uniformidade.

Em sua obra *A personal vision of a good school* (1990), o professor da Universidade de Harvard, Robert Barth, foi peremptório ao declarar o valor e a relevância da diversidade para

ampliar e qualificar as aprendizagens, o desenvolvimento, a cultura, a ética, a sociabilidade e as capacidades humanas. Dizia ele:

Eu preferiria que meus filhos frequentassem uma escola em que as diferenças fossem observadas, valorizadas e celebradas como coisas boas, como oportunidades para a aprendizagem. [...] O que é importante sobre as pessoas — e sobre as escolas — é o que é diferente, não o que é igual (p. 514 -515).

Nessa esteira, abrimos o dossiê em tela com o texto *A escola como fonte de manifestação das capacidades humanas no processo de inclusão: um olhar perfunctório acerca dos fundamentos da defectologia na obra de Vigotski*, com o intuito de inaugurar um debate capaz de suscitar o papel do desenvolvimento cultural como esfera em que é possível *compensar* a deficiência. Parafraseando Vigotski (2011), onde não é possível avançar no desenvolvimento orgânico, abre-se um caminho sem limites para o desenvolvimento cultural.

Na sequência, o(a) leitor(a) irá deparar-se com novos artigos que retomam as políticas educacionais inclusivas e outros que abordam recortes específicos dessa temática, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), as Altas Habilidades e Superdotação (AH/SD) e a Disgrafia.

Imbricados no desejo de problematizar e aprofundar a reflexão acerca das mudanças que urgem hodiernamente nesse processo de metamorfosear-se da escola, o dossiê também contemplou artigos que discutem a afetividade, a ludicidade, os jogos e brincadeiras, a adaptação no berçário e a contação de histórias como elementos que fomentam mudanças metodológicas e de paradigma educacional.

O ensino híbrido e as metodologias ativas, assim como a pedagogia moral e intelectual em Platão, têm espaço privilegiado no presente dossiê, o qual se encerra com um artigo que expõe uma das grandes feridas educacionais de nosso país: o analfabetismo absoluto.

Por fim, mas não em último lugar, agradecemos de modo muito especial a valiosa contribuição de cada um dos autores que se puseram a refletir cuidadosamente sobre temas tão relevantes à educação e não se furtaram ao desafio de socializar suas ideias e sínteses, movimentando o debate em torno da escola e de suas mudanças.

Desejamos excelente leitura!

Prof.^a Dr.^a Dinamara Pereira Machado
Editora-chefe do Caderno Intersaberes

Prof. Dr. Adriano Sousa Lima
Editor Adjunto do Caderno Intersaberes

Prof.^a Dr.^a Gisele Cordeiro
Professora da Escola Superior de Educação

Prof.^a Dr.^a Kellin Cristina Melchior Inocência
Professora da Escola Superior de Educação

Prof.^a Me. Vanessa Queirós Alves
Professora da Escola Superior de Educação

Prof.^a Dr.^a Waldirene Sawozuk Bellardo
Professora da Escola Superior de Educação